

UMA ANÁLISE DAS RELAÇÕES INTERPESSOAIS EM UMA EQUIPE ESPORTIVA¹

Katia Rubio*
Antonio Carlos Simões**

UNITERMOS: psicologia do esporte; grupos esportivos; coesão grupal; vínculo

RESUMO: O presente estudo busca discutir o processo de formação de vínculo em uma equipe masculina de voleibol. Baseado no uso da sociometria, enquanto instrumento de análise, buscou-se entender se a formação de vínculo no grupo é uma prática ou uma saída discursiva para manter a equipe unida. Diferentemente de outros grupos, a dinâmica do esporte impõe um outro movimento na formação e vida das equipes esportivas que são formadas para durar uma temporada que varia conforme a modalidade ou o campeonato. No esporte coletivo, a convivência e o estreitamento de relações são condições compulsórias que afetam a vida de todos os seus membros, tanto no que diz respeito a sua vida pessoal quanto profissional. Os resultados do estudo sugerem que a dinâmica deste grupo aponta para uma coexistência no nível de relação que permanece na condição de ilusão grupal, faltando uma identificação maior com a tarefa para que pudesse se configurar enquanto vínculo.

INTRODUÇÃO

A dinâmica dos grupos esportivos tem sido um grande desafio para técnicos, atletas e profissionais que estudam o esporte. Isso porque muito já se testou, avaliou e analisou atletas individualmente, buscando-se perfis ou padrões que pudessem oferecer subsídios para se chegar a níveis ótimos de performance.

Porém, quando falamos em times ou equipes esportivas estamos nos referindo para além de um conjunto de indivíduos que se agrupam por dimensões temporais e espaciais. Aludimos ao complexo conjunto de fatos objetivos e subjetivos que tornam um grupo efetivo e desejoso de alcançar suas metas, sejam elas uma atuação adequada em uma partida, a vitória ou apenas uma boa colocação em um campeonato.

Et, niat, niatat ou 'um por todos, todos por um', frase que expressa o objetivo máximo de unidade em um grupo, representa o esforço de cada membro individualmente voltado para uma meta comum, recebendo como retorno, o compromisso do grupo no cumprimento desse objetivo. Nesse

continuum não se distingue se é o esforço individual que mantém a ordem do grupo ou se essa ordem reforça o compromisso individual.

O GRUPO E AS RELAÇÕES GRUPAIS NO ESPORTE

Ao longo de toda a história da humanidade pessoas mantêm-se agrupadas como uma forma de alcançar objetivos comuns. No esporte, atletas se agrupam por uma série de motivos, entre eles os políticos, econômicos, sociais e a competitividade em si.

O grupo e as relações grupais têm ocupado considerável espaço na produção de psicólogos, cientistas sociais, psiquiatras e antropólogos já há algumas décadas. Apesar das inúmeras definições sobre grupos nas diferentes áreas do conhecimento nos concentraremos nos conceitos formulados pela psicologia, mais especificamente da psicologia social, e na psicologia do esporte, uma vez que nosso tema gira em torno dos grupos esportivos.

¹ Este trabalho consiste em uma parte da dissertação de mestrado - *Et, niat, niatat: Sobre o processo de formação de vínculo em uma equipe esportiva*, defendida junto ao programa de pós-graduação da Escola de Educação Física e Esporte da USP, no dia 18 de março de 1998.

* Professora Assistente da Escola de Educação Física e Esporte da USP.

** Professor Associado da Escola de Educação Física e Esporte da USP.

Preocupado com a psicologia dos grupos e o comportamento do homem como ser social, BION (1975) observou pequenos grupos com propósito terapêutico, levando-o a considerar conteúdos como o tom das trocas entre os membros do grupo, o dito e o não dito, os gestos e silêncios, permitindo-lhe postular uma série de conceitos que proporcionam alguma coerência ao comportamento aparentemente bizarro e incompreensível de vasta área de situações sociais. Estes conceitos dizem respeito às suposições básicas que fundamentam o comportamento do grupo - as suposições de dependência, de acasalamento e para os acontecimentos e sua capacidade de fuga-luta que influenciam a escolha do líder do grupo, sua orientação de lidar afetivamente com a tarefa em que ostensivamente se dirige.

Nessa perspectiva, para haver um bom espírito de grupo, é necessário um propósito comum e reconhecimento por parte do grupo de seus limites, isto é, a posição e a função que cada um de seus membros ocupa tendo em vista os grupos maiores. É importante para o grupo reconhecer o valor dos subgrupos e os limites destes e valorizar seus membros, considerando que a necessidade de cada um se limita pelas condições dadas pelo próprio grupo.

Também dentro de um ponto de vista psicanalítico ANZIEU (1993, p. 17) vê o grupo como um

envelope que faz indivíduos ficarem juntos. Enquanto esse envelope não estiver constituído ele pode ser considerado um agregado humano, não há grupo. Um envelope vivo, como a pele que se regenera no corpo, é uma membrana de dois lados. Um está voltado para a realidade exterior, física e social, notadamente para outros grupos, semelhantes ou diferentes. O outro está voltado para a realidade interior dos membros do grupo, ou seja, o movimento das projeções que os indivíduos fazem sobre ele de suas fantasias.

O grupo, apesar de complexo, encerra em si uma contingência simples. Ele passa a se caracterizar como tal quando mais de duas pessoas se unem com um mesmo propósito.

Mas é na visão que PICHON-RIVIÈRE (1991) tem de grupo que encontramos a possibilidade de nos aproximar dos grupos esportivos. Isso porque na concepção deste autor o grupo é um espaço de aprendizagem que implica em informação, emoção

e produção. O grupo se caracteriza por estar centrado, de forma explícita, em uma tarefa e a participação através dela permite não só sua compreensão, mas também sua execução.

A tarefa não é aqui apenas o movimento para o trabalho, mas a compreensão de seu objetivo - aquilo que se poderia chamar de conscientização - processo e finalidade. Sendo assim, as etapas de preparação para um torneio são, cada uma delas, uma nova tarefa, que compreendidas e incorporadas pelo atleta, permitem sua execução, de forma desalienada, podendo culminar no seu sucesso.

Mas as aproximações com a psicologia social não param aí. HANRAHAN & GALLOIS (1993) afirmam que a psicologia social exerceu grande impacto na psicologia do esporte. Isso porque, por definição, psicologia social é o estudo científico da maneira como um comportamento, pensamento e sentimento influenciam ou são influenciados pelo comportamento de outros, podendo ser técnico, professor, companheiros de time, familiares ou torcida.

Isso reforça o pensamento de RIOUX & CHAPPUIS (1979) que observaram que toda equipe esportiva se apresenta como um paradigma da vida humana, distribuída em mini sociedades. Técnicos e atletas, em todas as dimensões do rendimento, procuram dedicar boa parte do tempo em busca de conhecimento e aprimoramento de suas habilidades de comunicação, cooperação e de convivência mediadas por aquilo que é, sem dúvida, a maior qualidade das equipes: ser coesa, eficiente e eficaz.

Poder-se-ia dizer que a concepção que os autores ligados à psicologia do esporte têm dessa visão é que técnicos e atletas convivem com a interligação de ambos os sistemas, havendo espaço apenas para o indivíduo que se destaque na competição e vença. Essa visão de equipe não se diferencia muito do conceito que foi desenvolvido por autores ligados à psicologia social sobre grupos. Isso porque o esporte coletivo envolve interação social interna à própria equipe e externa, uma vez que se observa o envolvimento cada vez maior dos meios de comunicação de massa com o esporte, criando uma relação de proximidade do público com o atleta e a modalidade, conferindo-lhe um caráter integrador.

Estudos realizados por TAJFEL (1982) e TURNER (1987) sobre identidade social empenham-se em lidar com aspectos do processo grupal sem perder de vista o sujeito enquanto produtor de

atitudes, normas e decisões. Esses autores propuseram a teoria da Identidade Social objetivando compreender as relações intra e inter-grupais a partir do conceito de auto-conhecimento tendo por base dois referenciais:

Identidade Pessoal: são auto-julgamentos sobre si-mesmo e a percepção tida das relações com outros indivíduos. Essas avaliações são efetuadas a partir de um processo de comparação social com outros membros do grupo que se julgam no mesmo nível do primeiro. Nessas comparações surgem as motivações a fazer distinções em relação aos outros membros do grupo, buscando, porém, os aspectos positivos. É natural que ocorram comparações depreciativas naqueles sujeitos que não possuem a capacidade de auto-avaliação. É provável que a identidade social ocorra quando as atrações interpessoais são grandes.

Identidade Social: É a percepção de uma característica pessoal enquanto membro de um grupo, comparando este a vários outros. Quando a identidade social é salientada é possível se fazer comparações entre grupos, ao invés de comparar-se com outros indivíduos pertencentes ao mesmo grupo. Nessas circunstâncias, há a motivação para se minimizar as diferenças entre os membros do grupo, assim como maximizar as diferenças relacionadas à aparência, qualidades e comportamentos comuns à equipe adversária.

A teoria da identidade social surge como forma de oferecer uma estrutura teórica para estudar equipes e a dinâmica das interações pessoais no contexto esportivo, onde as qualidades individuais podem ser menos importantes que as qualidades que definem o grupo.

COESÃO E FORMAÇÃO DE VÍNCULO NO ESPORTE COLETIVO

Autores como LENK (1976), MATERS & PETERSON (1976) e GILL (1986) têm evidenciado que uma equipe esportiva é mais que a soma de valores individuais e que o time com melhor performance não é composto, apenas, pelos melhores jogadores destacados em suas funções, representando que não é a qualidade individual o que se necessita, somente, para formar uma equipe com

probabilidade de êxito. O mais importante é a capacidade de coordenação de cada um dos valores que entram em jogo - relações humanas, aspectos técnicos e táticos e determinantes biológicos - uma vez que o resultado somente se dará com a soma desses valores.

Temos então que a equipe com possibilidade de sucesso é a relação da soma de valores técnicos individuais, capacidade de coordenação das relações sociais e lideranças efetivas dentro e fora da quadra. A esse processo tem-se dado o nome de coesão grupal.

Que os técnicos têm papel fundamental no processo de coesão grupal isso não se tem dúvidas, principalmente depois dos trabalhos de LOY & JACKSON (1990), SIMÕES (1996), WIDMEYER, CARRON & BRAELEY (1993). Porém, além do técnico enquanto figura de liderança - que chamaremos de liderança externa - há o próprio membro do grupo - aqui chamado de liderança interna - que pode vir a ocupar a posição de capitão se for um líder construtivo, ou então, criar embates com a comissão técnica ou diretoria do clube levando a situações de impasse e até de dispensa, no caso de um líder destrutivo.

É claro que outras questões estão envolvidas nessa dinâmica, ou seja, não basta apenas um atleta trabalhar contra o grupo para que os objetivos não sejam alcançados, além do que essa atitude nem sempre é uma conduta consciente. Se o grupo como um todo está identificado com a tarefa proposta, esforços no sentido oposto são identificados, isolados e desviados em favor da própria equipe. Isto, porém, só pode se dar quando o grupo se conhece através de suas partes - o auto conhecimento, seja do atleta ou membro da comissão técnica - e de seu todo - o conjunto em movimento, no momento da atuação.

Da formação do grupo à coesão grupal há ainda uma grande distância a percorrer. Equipes esportivas não são bem-sucedidas durante todo o tempo. A vitória e a derrota fazem parte da vida do esportista tanto quanto os treinos ou a rotina doméstica. Porém, o que diferencia um grupo que persiste diante da adversidade daquele que esmorece ao se deparar com algum obstáculo? Se na psicologia social a dinâmica interna de um grupo é chamada de vínculo, em uma equipe esportiva que se dispõe a superar os obstáculos é chamada de coesão (ANTONELLI & SALVANI, 1978; RUSSEL, 1993).

Na ótica de RUSSEL (1993) a coesão é tida pelos técnicos como a principal característica de uma equipe, o requisito mais importante para se obter sucesso, tendo no conflito externo um fator de incremento da coesão interna. No entanto, o desenvolvimento dessa coesão só será efetivo se o grupo, enquanto uma instância independente e auto-suficiente, possuir uma estrutura efetiva de liderança. Para tanto, aponta a lealdade como a chave para esse processo.

A princípio, a cooperação seria uma atitude individual, contudo, SIMÕES (1990), afirmou que a partir do instante em que técnico e atletas se posicionam através de diferentes performances de conduta pessoal, aprendem a observar e analisar suas próprias atitudes e a dos demais companheiros. Significa que os diferentes perfis comportamentais dentro de uma equipe passam a ser vistos como um referencial social e funcional para a formação e evolução de um vínculo coletivo.

A coesão é caracterizada por ANTONELLI & SALVANI (1978) como uma forma de reação. Afir-mam que as tensões que brotam em um grupo são causa de ambivalências afetivas, de dificuldades de adaptação interpessoal e das dificuldades em dimensionar os fins e os meios. Essas situações criam uma hostilidade intra-grupal que colocam em risco não só a coesão como a própria existência do grupo. A partir daí definem três modalidades de coesão:

- a) *Coesão defensiva*: apontada como uma dinâmica típica de equipes esportivas onde o time adversário é o depositário das projeções de sua própria agressividade interna. Nesta dinâmica a equipe é suscetível diante dos estímulos externos, é sugestionável, insegura, dependente de um líder carismático e sofre com medos injustificáveis de sabotagem;
- b) *Coesão institucionalizada*. Neste caso o conflito interno no grupo foi decodificado através de um sistema de normas rígidas. As tensões individuais são aceitas e justificadas de acordo com a posição que cada membro ocupa dentro do time. Em equipes esportivas essa dinâmica é percebida no conflito existente entre dirigentes, sócios, atletas e torcedores, onde o crítico vale-se de seu papel social para disfarçar uma hostilidade pessoal;
- c) *Coesão cooperativa*. Esta dinâmica soluciona a ameaça desagregadora desencadeada sobre o

grupo através da tomada de consciência e da análise das dificuldades. Uma equipe desenvolve esse tipo de coesão quando os atletas submetem seus objetivos pessoais ao objetivo do grupo, à aceitação da realidade, ao desejo de superar os problemas e ao empenho para levar a cabo mudanças comportamentais em função das normas do grupo. Esse tipo de dinâmica tem um amplo significado educativo visto que desenvolve a disponibilidade dos atletas a uma contínua adequação, delimitando seu próprio espaço e respeitando o espaço do outro através de uma relação de tipo cooperativo.

Como podemos perceber, a coesão está fundamentada em três pilares: a cooperação, a confiança e o respeito. Entretanto, essas condições não são inatas ao grupo, muito pelo contrário, são arduamente construídas envolvendo todos seus membros, do técnico ao roupeiro, passando por atleta, preparador físico, massagista e todos os demais profissionais envolvidos com aquilo que PICHON-RIVIÈRE (1995) chama de tarefa. Portanto, reconhecer quais os membros do grupo estão identificados com a tarefa e em que nível torna-se imprescindível para a compreensão da dinâmica da equipe e, se necessário, para uma intervenção eficaz.

É neste ponto que MORENO (1991) nos oferece um importante conceito para a compreensão do grupo. Partindo do "socium" e não do "psico" ele sistematiza seu conceito de *tele*, que é o elemento produtor de aproximações proveitosas, através da percepção enquanto substrato biológico e também existencial, intelectual, afetivo e social. MORENO (1991) afirma que desde a infância buscamos sociometricamente aqueles que complementam nossos objetivos, distanciamos-nos daqueles que não nos agradam ou ainda conservamos-nos indiferentes a outros. Quando o fator *tele* se dá, produzem-se determinados tipos de respostas e condutas ligadas diretamente com aquilo que foi proposto. O vínculo é imediato, porém, para o conhecimento dessa dinâmica é necessário avaliar a intensidade da eleição e aí sim será possível compreender a dinâmica transferencial que está ocorrendo no grupo.

Nos grupos esportivos deparamo-nos com esse processo na medida em que a escolha de pessoas em posições-chaves, como o capitão, podem representar uma dinâmica saudável ou desintegradora ao time.

PROCEDIMENTO METODOLÓGICO

Esta pesquisa teve como objetivo compreender o processo de coesão e formação de vínculo, no âmbito de uma equipe de voleibol. Durante o transcorrer do Campeonato Paulista Masculino de Voleibol de 1996, foi realizado um trabalho de avaliação e intervenção psicológica, que consistiu em entrevistas individuais, antes do início do trabalho de intervenção, aplicação do questionário sociométrico no início da primeira e da segunda fases do campeonato e sessões de dinâmica de grupo com duração aproximada de uma hora.

Os procedimentos utilizados nesta pesquisa englobaram uma entrevista cujo objetivo foi obter dados sobre a história do atleta no esporte indagando sobre a prática dessa modalidade, o percurso até o momento e se a atual equipe foi uma escolha ou uma condição compulsória; e o teste sociométrico, desenvolvido por MORENO (1972), cujo objetivo é identificar e analisar os papéis e relações interpessoais envolvendo os membros de um grupo, a partir de dados obtidos por um questionário. Neste caso, todos eles foram preenchidos como constituídos de opiniões subjetivas, tanto na escolha do primeiro quanto na escolha do segundo companheiro de grupo, para diferenciação de papéis com relação à variável "ação de comando".

A representação gráfica das freqüências de escolha foi feita a partir de círculos concêntricos, indicando que o círculo central seria o núcleo das maiores freqüências atribuídas a um companheiro de grupo, tanto na primeira quanto na segunda escolha. No círculo intermediário os atletas com freqüência média recebida, e no círculo externo os atletas com menor freqüência de escolha. Essa representação gráfica permite visualizar que os atletas situados no centro dos círculos seriam as 'estrelas sociométricas', cujos papéis desempenhados estariam relacionados com a dinâmica que o grupo vivia naquele momento.

A avaliação dos sociogramas é feita a partir das configurações encontradas, sendo elas: *membro isolado* - não recebe escolhas dos companheiros, permanecendo só no sociograma -; *par* - duas pessoas se escolhem -; *triângulo* - quando três pessoas se escolhem, definindo um subgrupo -; *cadeia* - cada

membro do grupo faz a sua escolha sem coincidir com a recíproca -; *círculo* essa configuração é semelhante à cadeia porém há a escolha do primeiro membro, fechando o rol de escolhas.

As informações obtidas pelo teste sociométrico, de acordo com BASTIN (1986) servem para identificar a posição social de cada elemento do grupo. Se, além dos índices de preferências e de rejeições recebidas, se fazem intervir outros índices, pode-se obter, para cada membro, um conjunto de traços característicos: o seu 'estatuto sociométrico'.

Especificamente no nosso caso o teste sociométrico estará sendo usado com o objetivo de identificar a figura de liderança da equipe e as relações de afetividade para reforçar ou refutar os elementos surgidos a partir da interpretação dos desenhos.

Fazemos uso da sociometria tendo claro, porém, que é crescente a discussão em torno do uso de instrumentos como testes e questionários por profissionais que trabalham com psicologia do esporte (FOGARTY, 1995; NIDEFFER, 1981; ROWLEY, LANDERS, KILLO & ETNIER, 1995). A discussão parece girar não em torno dos resultados oferecidos pelos instrumentos, mas, principalmente, da interpretação que é feita desses resultados. Considerados isoladamente, os testes podem não representar fidedignamente a dinâmica individual ou grupal. Isso porque para ser abrangente ele deve ser analisado e apreciado dentro de um contexto mais geral - quase sempre junto com uma anamnese ou entrevista - para que o sujeito ou o grupo seja avaliado enquanto uma gestalt, uma totalidade, não incorrendo no erro de em função da avaliação de uma parte querer justificar o todo. Dessa forma, os instrumentos escolhidos para serem empregados em uma pesquisa são apenas mais um elemento dentro do conjunto que envolve estratégia, tática e modalidade de intervenção.

Diante dessas considerações os dados aqui apresentados foram analisados e interpretados à luz de conceitos da psicologia social e analítica. Sendo assim, trabalhamos sobre o manifesto - o escrito, o falado - e o latente - o projetado e o não-dito.

APRESENTAÇÃO E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

Sociometria da primeira fase: capitão

Aplicado nesta primeira etapa, o teste sociométrico consegue detectar as relações interpessoais no plano das expectativas. Isso porque a falta de convivência, tanto no plano pessoal como profissional, mantém as relações no nível das projeções.

Sob o delineamento de que a coesividade operativa constitui a base explicativa da funcionalidade de um grupo esportivo SIMÕES, RODRIGUES & RUBIO (no prelo) afirmam que as freqüências maior, menor e média definem todo um conjunto de manifestações humanas em torno daqueles companheiros com quem mais e menos os atletas se identificam dentro da própria equipe de trabalho. Isso decorre do fato de que os atletas distinguem quem possui as características comportamentais de líder em suas manifestações pessoais perante o grupo e essa distinção se dá pelo ato da escolha.

A escolha vem representar a razão de ser da sociometria.

Analisando os níveis de freqüência atribuídos pelos atletas (FIGURA 1), na primeira opção, temos a escolha do atleta 9, o que pode caracterizá-lo como a 'estrela sociométrica' da equipe. Essa ampla diferença em relação aos demais membros do grupo, se por um lado aponta a presença de um líder já na formação do grupo, por outro aponta para aquilo que BUSTOS (1979) vai chamar de vínculo de dependência infantil, ou seja, as relações ainda não são elaboradas o suficiente para que sejam desprovidas de projeção e, portanto, não apresentam a pessoa com suas imperfeições e dificuldades recor-

rentes a qualquer um. Essa expectativa do grupo reforçou a expectativa que 9 tinha de sua condição de liderança, expressa tanto em sua resposta ao teste como na entrevista onde afirma esse desejo.

O líder é freqüentemente alguém percebido pelos companheiros e revestido de grande importância para a performance da equipe, que CHELLADURAI (1990) escreveu estar fundamentada na satisfação de seus membros e num modelo multidimensional de liderança com comportamentos requeridos, preferidos e presentes. Esses atributos do capitão poderão ser conferidos e confirmados ao longo da vida da equipe, isso porque somente a vivência da relação poderá afirmar as projeções ou então apresentar um novo sujeito. Essas situações podem ser percebidas em momentos como placar adverso, pressão da torcida ou dificuldade de concentração do grupo e a atitude que o líder toma tanto em relação aos companheiros (internamente) como em relação ao adversário, juiz e torcida (externamente).

Em função da pouca convivência que o grupo ainda experimentava, poderíamos dizer que os critérios utilizados para a escolha nesse momento foi muito mais afetiva - onde se privilegiou a parte emocional da proposta - do que operativa - quando o enfoque recai, fundamentalmente, no cumprimento da tarefa.

SAMULSKI (1992) afirma que quanto mais poder a posição de líder oferece, mais favorável torna-se a situação para ele, daí a condição para a manutenção desse papel estar pautada em três dimensões para a sua favorabilidade: as relações afetivas - assumidas como sendo de grande efeito nas situações favoráveis. Isso implica que o líder, quando querido e respeitado pelo grupo, pode obter o consentimento para tomar decisões, sem o exercício do poder, podendo agir mais decisivamente, com mais confiança do que o líder que não é querido ou rejeitado pelos membros do grupo; estruturação da tarefa - aceita como outro fator que favorece na medida que a boa estruturação da proposta de trabalho, com a indicação clara dos procedimentos específicos, permite que os objetivos sejam alcançados; posição de poder - considerada como o terceiro fator uma vez que essa condição está relacionada à autoridade do líder sobre o grupo bem como o apoio que o primeiro recebe do segundo, constituindo uma relação bi-direcional.

Com relação às escolhas da segunda opção temos uma pulverização entre a freqüência maior

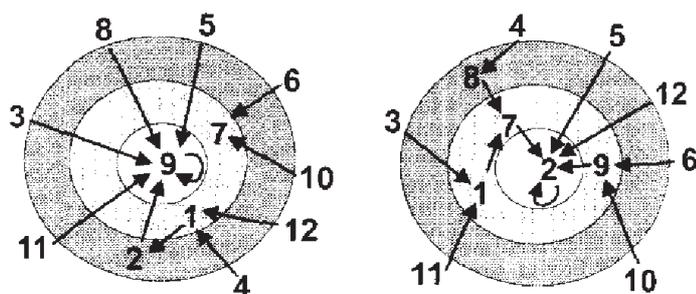


FIGURA 1 - Sociograma capitão - primeira fase - primeira e segunda opções.

para os atletas 1 e 2, e o reaparecimento do atleta 9 entre a frequência média. Isso indica que efetivamente o grupo identificava 9, talvez em função de sua história enquanto atleta - com passagem por grandes times e pela seleção nacional -, talvez por sua eloquência, como um líder incontestável. Há, no entanto, um número maior de mutualidades, o que nos leva a inferir que na segunda opção as relações já não estão num nível tão projetivo e transferencial e o reconhecimento se dá por uma relação entre iguais e não entre ídolos.

Sendo assim, poderíamos dizer que o índice télico grupal foi baixo, no primeiro momento, apresentando um forte grau de transferência que se traduziu numa diminuição da capacidade de elaboração do grupo.

Ainda que a presença de uma estrela sociométrica seja evidente na primeira opção, temos ainda uma cadeia onde pares foram quebrados permitindo que mesmo aquele atleta situado no círculo externo aproxime-se daqueles que se encontram na frequência média. BUSTOS (1979) justifica a configuração sociométrica "cadeia" dizendo que quanto mais pessoas entrarem em uma cadeia, ou seja, quanto mais pessoas se encontrarem numa posição média, maior será o índice de segurança dos membros dessa configuração, dando ao grupo uma maior plasticidade e capacidade de estruturar configurações mais maduras.

Essa consideração pode parecer paradoxal em um grupo onde 50% das escolhas recaiu sobre um único indivíduo. No entanto, são justamente os outros 50% que configuram a cadeia, deixando claro a constituição de dois subgrupos, daí a compreensão da dinâmica das primeiras sessões onde o tônica das verbalizações recaía sobre a desconfiança, insegurança e dificuldade em auxiliar os companheiros que rendiam menos em situação de treino e jogo.

Na segunda opção temos uma quebra dessa dinâmica e a constituição de uma cadeia e vários triângulos. Essa mutualidade representada por três pessoas significa a quebra menos dolorosa da simbiose formada pelo par, uma vez que há uma participação ativa na abertura.

De acordo com KAUFMAN (1993, p.62), apesar dessa abertura, os três vínculos são diretos e, conseqüentemente, a dinâmica de temor à perda permanece forte.

É comum a ocorrência de pactos e alianças visando ao controle dos vínculos nes-

ta configuração sociométrica tão defendida e fechada, sobretudo por encontrar-se isolada do restante do grupo... Esta é uma configuração sociométrica de difícil abordagem e penetração.

Ainda que essa atitude não seja consciente ela determina uma quebra com a escolha de primeira opção, levando-nos a inferir a dificuldade desse agrupamento se constituir enquanto grupo.

Sociometria da segunda fase: capitão

O capitão é fundamental para a formação e evolução de uma equipe esportiva, uma vez que o desempenho desse papel de forma competente pode significar a agregação e sucesso, transformar um agrupamento em um grupo. Essa condição, porém, não é imposta, numa atitude externa ao grupo. Pelo contrário, esse papel é construído diariamente na convivência com a equipe, tanto em situação de treino como de competição, onde os atributos pessoais do capitão vão sendo absorvidos e correspondidos pelo grupo, ou num sentido contrário, contestado e rechaçado.

A construção dessa identidade de capitão aproxima-se daquilo que GOFFMAN (1996) postulou como "construção de papel". Segundo o autor, em qualquer situação social um indivíduo assume a máscara de um personagem para interagir com outros indivíduos, estes também, personagens projetados por outros atores. Esse jogo dramático é próprio das relações humanas, uma vez que, se por um lado o indivíduo está sempre tentando se comunicar, por outro busca evitar certos tipos de comunicação, ainda que de forma inconsciente.

MORENO (1991) também endossa esse enfoque ao escrever que essa representação pode interferir na estruturação do ego da pessoa, que é ao mesmo tempo ator e personagem. Nessa representação em que se transforma a vida, muitos atores se confundem com seus personagens, ora representando a si mesmos para os outros, ora confundindo-se com a expectativa de seus interlocutores ou da platéia, terceiro elemento dessa relação, elemento que dá sentido e, ao mesmo tempo, interfere nessa dramatização.

Estar capitão, não implica, necessariamente, ser capitão. Alguns atletas de esportes coletivos assumem a condição de liderança de sua equipe desde as categorias iniciais, isso porque apresentam traços que são identificados pelos demais companheiros como sendo passíveis de reprodução, seja porque pode redundar num melhor desempenho, seja porque consegue ver correspondida a atenção e afetividade que dispensa aos demais atletas. Não estamos, contudo, querendo afirmar que a condição de líder é inata. O líder apresenta comportamentos que vão sendo reforçados ou refutados e, a partir daí, seu papel vai sendo construído e estruturado.

De acordo com MARTENS (1987), a liderança efetiva é determinada pelo estabelecimento de objetivos e metas concretas, construção de um ambiente social e psicológico favorável, instrução de valores, motivação dos membros para que se alcance os objetivos e metas e comunicação com os outros atletas.

Decorridos dois meses de treinos e jogos esses aspectos puderam ser testados e avaliados por todo o grupo (FIGURA 2), considerando, inclusive a opinião do próprio capitão escolhido pelo grupo e por si próprio para a função no início da temporada. Quando observamos o sociograma da segunda fase percebemos uma alteração dessa dinâmica. O grupo já não reconhece 9 como capitão e ele próprio se dá conta de sua dificuldade para exercer essa função, conforme relato de uma sessão. É, porém, nesse momento que o grupo começa a se comunicar de forma mais efetiva, porque seus integrantes já não se apegam tanto aos papéis que representam – o capitão, o atacante, o reserva, o titular – mas identificam-se com a necessidade de superação do momento pelo qual a equipe passa.

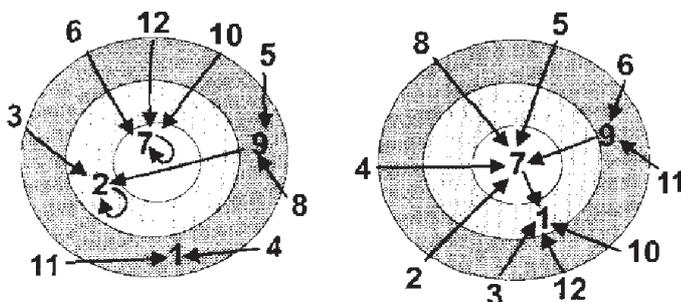


FIGURA 2 - Sociograma capitão - segunda fase - primeira e segunda opções.

Talvez uma boa indicação da necessidade do grupo em encontrar e reconhecer a sua liderança reside no fato de 1 surgir na frequência média de escolhas, sendo que tendo se machucado no primeiro "set" do primeiro jogo do campeonato, teve que ser submetido a uma cirurgia no joelho, permanecendo fora do campeonato, mas por determinação própria assistia aos treinos e jogos da arquibancada. Ele não aparece nos conflitos que surgiram no decorrer do campeonato, e mesmo com todos esses fatores ele ainda é reconhecido como uma das figuras de liderança.

Os atletas que surgem como capitão nesse momento são pessoas que durante o período demonstraram uma grande habilidade em administrar os conflitos surgidos no grupo ao longo da primeira fase. Apesar de 2 ser reserva, esforçava-se nos treinos como poucos titulares e no momento do jogo em que era solicitado estava pronto para entrar em quadra, já aquecido e atento a todos os movimentos de seu time e do adversário. No caso de 7, que era o levantador, sua posição já o colocava numa condição de destaque diante dos demais. O fato de decidir a jogada e montar o ataque do time favorecia essa condição, porém, nem sempre nos momentos de maior exigência emocional 7 era capaz de se manter tranqüilo para poder orientar os demais companheiros.

Esse momento pelo qual a equipe passava demonstra a importância do líder para o esporte coletivo e como a obtenção do êxito por parte do líder está ligada à sua identificação com as características dos demais membros do grupo.

SAMULSKI (1992) escreveu que o líder além de participar da equipe deve ser visto como tendo incorporado, em grau mais elevado, as normas e valores centrais do grupo. Neste sentido, não basta ao líder, para manter sua posição, aceitar os valores centrais do grupo, ele precisa ser percebido como alguém capaz de comandar e conter as necessidades dos demais companheiros. Acrescenta, ainda, que os membros de um grupo podem ter idéias comuns quanto ao comportamento e funções de um líder, porém, os demais membros da equipe somente escolherão e manterão os líderes que satisfizerem essas expectativas. A escolha de um líder está diretamente relacionada à capacidade de satisfação de suas necessidades.

O que podemos inferir, ainda, é que mesmo tendo perdido a condição de capitão, o atleta 9 aparece no círculo de frequência média tanto na

primeira como na segunda opções, o que demonstra não seu reconhecimento como líder do grupo, mas um referendo à sua habilidade. Seu *background* enquanto atleta não deixa dúvidas de sua capacidade de performance - sua atuação enquanto ator. A resistência do grupo reside no seu papel de capitão - o personagem.

Na segunda fase não temos a configuração de nenhuma *cadeia*, seja na primeira ou na segunda opções. Nas duas opções os *triângulos* são formados por sujeitos em todos os níveis de escolha e a condição de estrela sociométrica é dividida por dois atletas. A constituição de triângulos é uma demonstração de que a vida do grupo ainda não se estabilizou, isso porque a relação 'interna' do *triângulo* é diferente da que ele tem com o grupo.

BUSTOS (1979, p.40-1) afirma que para as pessoas que compõem o *triângulo* "enquanto configuração total, o grupo é a ameaça e se comporta como unidade: são os 'três' e o 'grupo'."

Na segunda opção temos uma repetição do modelo da primeira fase com a escolha de 7 para capitão, configurando-o como a estrela sociométrica desse momento.

Ainda que as pessoas tenham se alternado nos círculos de frequência, os modelos de configuração se mantiveram os mesmos, o que nos leva a inferir que a dinâmica interna não sofreu uma grande alteração na sua estrutura. Uma das justificativas para isso pode ser o pouco tempo de convivência do grupo, uma vez que BUSTOS (1979) sugere que o teste sociométrico seja aplicado a cada seis meses.

A configuração *cadeia* aparece uma única vez, na primeira fase e não se repete na segunda, e a configuração *círculo*, típica de uma boa coesão grupal, onde os membros não necessitam um vínculo, através de mutualidades diretas, para manter o vínculo dinâmico, não aparece nenhuma vez.

Um dado que chama atenção nesses sociogramas é o número de membros isolados. Na perspectiva dos estudiosos do teste sociométrico (BASTIN, 1986; BUSTOS, 1979, KAUFMAN, 1993) a pessoa destacada dos círculos, portanto isolada, pode indicar um conflito grave, uma vez que informa sua provável posição nos grupos em que interatua.

No caso específico da escolha do capitão esse número (sete e seis na primeira fase e sete e oito na segunda fase) é uma indicação do quanto os atletas têm pré-concebidas e cristalizadas as característi-

cas necessárias para um atleta desempenhar esse papel. Vale observar que os mesmos sete atletas que permanecem isolados na primeira opção da primeira fase mantêm essa posição na segunda fase, sofrendo apenas uma pequena alteração em relação à segunda opção. No caso da primeira fase temos o atleta 8 entrando no círculo de menor frequência. Essa opção pode, no entanto, ser justificada como uma escolha afetiva, visto que 8 demonstrava ser uma das pessoas mais receptivas do grupo dos remanescentes da equipe do ano anterior e 4 vinha sendo fortemente rejeitado. Na segunda fase esse fenômeno se repete com a inclusão de mais um membro.

Isso vem reforçar o cuidado que se deve tomar ao se avaliar um grupo esportivo. A existência do capitão é compulsória e a avaliação de seu poder de liderança ainda se constitui num grande desafio.

CONCLUSÕES

Com base nos procedimentos utilizados, e a partir dos dados obtidos, foram formuladas as seguintes conclusões, considerando as delimitações do estudo:

O teste sociométrico oferece subsídios para a compreensão da dinâmica de formação de vínculo em uma equipe esportiva;

A função de capitão está pautada no estereótipo desse papel, cujas características têm sido historicamente construídas, já estabelecidas por cada atleta em função de sua história de vida no esporte, porém, basicamente estruturadas em critérios técnicos. Contudo, apenas essas características não são suficientes para que o capitão seja reconhecido como tal por longo tempo, sendo necessário o desenvolvimento de outros aspectos que apontam para as relações sócio-afetivas com os companheiros.

A expectativa da existência de uma equipe coesa pode levar o grupo a forjar pseudo-líderes, cuja função reside na satisfação de anseios de união e identificação com a tarefa que, no entanto, pode não representar o movimento real do grupo. Ainda que imprescindível à equipe essa figura funciona enquanto "iminência parda", onde todos sabem da sua existência e necessidade sem que seja preciso nomeá-la.

O estabelecimento de vínculo, apesar de ser um dos ideais mais almejados no esporte coletivo, é um processo que exige esforço por parte de todo o grupo - no sentido da identificação da tarefa - e que pode vir a se confundir com a ilusão grupal.

Ainda que os testes tenham oferecido alguns caminhos para a interpretação da dinâmica desse grupo específico, num momento particular, gostaríamos de ressaltar que o processo, como um todo, não pode ser abarcado apenas com a sua aplicação. A equipe esportiva, enquanto reflexo de uma interação, demanda tempo para poder ser compreendida na sua dinâmica latente e não apenas aparente, e aqui deparamo-nos não apenas com as questões técnicas, mas as institucionais, pessoais e políticas que envolvem o esporte de alto rendimento na atualidade.

Pensamos que se novos estudos fossem realizados utilizando os mesmos instrumentos que aqui apresentamos, adicionando o teste sociométrico perceptual, conseguiríamos mais dados que poderiam estar reforçando nossas conclusões ou, então, apontando novos caminhos de pesquisa e intervenção.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ANTONELLI, F.; SALVINI, A. *Psicología del deporte*. Valladolid, Editorial Miñón, 1978.
- ANZIEU, D. *O grupo e o inconsciente: o imaginário grupal*. São Paulo, Casa do Psicólogo, 1993.
- BASTIN, G. *As técnicas sociométricas*. Lisboa, Moraes Editores, 1986.
- BION, W. R. *Experiências com grupos*. Rio de Janeiro, Imago/EDUSP, 1975.
- BUSTOS, D.M. *O teste sociométrico: fundamentos, técnica e aplicações*. São Paulo, Brasiliense, 1979.
- CHELLADURAI, P. Leader in sports: a review. *International Journal of Sport Psychology*, v. 21, n. 4, p. 328-54, 1990.
- FOGART, G.J. Some comments on the use of psychological tests in sport settings. *International Journal of Sport Psychology*, v. 26, p. 161-70, 1995.
- GOFFMAN, E. *A representação do eu na vida cotidiana*. Petrópolis, Vozes, 1996.
- GILL, D. L. *Psychological dynamics of sport*. Champaign, Human Kinetics, 1986.
- HANRAHAN, S.; GALLOIS, C. Social interactions. In: SINGER, R. N.; MURPHEY, L.; TENNANT, K., eds. *Handbook of research on sport psychology*. New York, MacMillan, 1993. p. 623-46.
- KAUFMAN, F.G. O teste sociométrico. In: MONTEIRO, R., org. *Técnicas fundamentais do psicodrama*. São Paulo, Brasiliense, 1993. p. 45-68.
- LENK, H. Top performance despite internal conflict: an antithesis to a functionalists proposition. In: FISCHER, C.A., ed. *Psychology of sport*. Palo Alto, Mayfield, 1976. p.70-6.
- LOY, J.W.; JACKSON, S.J. A typology of group and a theory of their effects on patterns of leadership recruitment within sport organizations. In: VELDEN, L.V. e HUMPHREY, J.H., eds. *Psychology and sociology of sport*. New York, AMS Press, 1990. p. 93-114.
- MARTENS, R. *Coaches guide to sport psychology*. Champaign, Human Kinetics, 1987.
- MATERS, R.; PETERSON, J.A. Group cohesiveness as a determinant of success and member satisfaction in team performance. In: Fisher, C.A., ed. *Psychology of sport*. Palo Alto, Mayfield, 1976. p. 44-59.
- MORENO, J. L. *Psicodrama*. São Paulo, Cultrix, 1991.
- _____. *Fundamentos de la sociometria*. Buenos Aires, Editorial Paidós, 1972.
- NIDEFFER, R.M. *The ethics and practice of applied sport psychology*. New York, Mouvement, 1981.
- PICHON-RIVIÈRE, H. *O processo grupal*. São Paulo, Martins Fontes, 1991.
- _____. *Teoria do vínculo*. São Paulo, Martins Fontes, 1995.
- RIOUX, G.; CHAPPUIS, R. *Elementos de psicopedagogia deportiva*. Valladolid, Editorial Minón, 1972.
- ROWLEY, A.J.; LANDERS, D.M.; KYLLO, L.B.; ETNIER, J. Does the iceberg profile discriminate between successful and less successful athletes? A meta-analysis. *Journal of Sport and Exercise Psychology*, v. 17, p. 185-99, 1995.
- RUSSEL, G.W. *The social psychology of sport*. New York, Springer-Verlag, 1993.
- SALZMAN, D.L. Didier Anzieu: notas para uma leitura de sua teoria sobre grupos. In: BAREMBLITT, G., org. *Grupos: teoria e técnicas*. Rio de Janeiro, Edições Graal, 1986. p. 127-36.
- SAMULSKI, D. *Psicologia do esporte: teoria e aplicação prática*. Belo Horizonte, Escola de Educação Física UFMG, 1992.
- SIMOES, A. C. *Ideologia de liderança no esporte: uma visão do "ideal próprio" dos técnicos e "real equipe" dos atletas*. São Paulo, 1996. 162p. Tese (Livro Docência) - Escola de Educação Física e Esporte, Universidade de São Paulo.
- _____. *Equipes esportivas vistas como um micro-sistema social de rendimento entre a ideologia de liderança dos técnicos e a percepção real dos atletas*. São Paulo, 1990. 296 p. Tese (Doutorado) - Escola de Comunicação e Artes, Universidade de São Paulo.

SIMÕES, A.C.; RODRIGUES, A.A.; RUBIO, K. Dinâmica das relações grupais: análise sociométrica de uma equipe de handebol. *Revista Paulista de Educação Física* (no prelo).

TAJFEL, H. *Social identity and intergroup relations*. Cambridge, University Press, 1982.

TURNER, J. C. *Rediscovering the social group: a self-categorization theory*. Oxford, Basil Blackwell, 1987.

WIDMEYER, W.N.; CARRON, A.V.; BRAELEY, L.R. Group cohesion in sport and exercise. In: SINGER, R.N.; MURPHEY, M.; TENNANT, L.K., eds *Handbook of research on sport psychology*. New York, MacMillan, 1993. p.672-94

KEYWORDS: *Sport psychology; sport teams; group cohesion; entail*

ABSTRACT: *The present study discusses the process of entail formation in a masculine volleyball team. It was sought to understand if the entail formation in the group is a practice or a discursive strategy to maintain the team united using the sociometric test as analysis instrument. Differently from other groups the sport dynamics imposes another movement in the formation and life of the sport teams that are formed to last a season that varies according to the modality or the championship. In the team sport the companionship and the narrowing of relationship are compulsory conditions that affect the life all its members both in their personnel and professional aspects. The results of the study suggest that the dynamics of the group points to a coexistence in the relationship level that remains in the condition of group illusion, lacking a greater identification with the task so that it could be configured as an entail.*
